



POLEMICA Ecoturismo em terras indígenas:

Até onde o projeto pode ser viável?

Elaíne Perassoli
Da Redação

Conhecer novas paisagens e culturas diferentes é algo que está arraigado no coração das pessoas. Afinal, todo mundo é um pouco turista. Os seres humanos estão sempre procurando ver algo diferente. Um canto escondido é sempre uma boa novidade. Ouvir histórias de culturas desconhecidas - para o seu universo - sempre desperta curiosidade. Em função disso, o ecoturismo indígena começa a ser discutido no Brasil. Embora a Fundação Nacional do Índio (Funai) ainda não autorize legalmente esta atividade, representantes do órgão estão sempre presentes em todos os eventos para se inteirar do assunto que é polêmico não só para os índios, como também para os brancos.

No Brasil, há apenas um projeto de ecoturismo em aldeia indígena desenvolvido pelos índios pataxós - localizado na região de Santa Cruz de Cabrália (BA) - que funciona há dois anos. Porém, estes índios já estavam totalmente integrados na sociedade dos brancos. Uma das aldeias deles, há muitos anos, se transformou em um bairro da cidade de Porto Seguro (BA). Mas não é isso que acontece com as tribos no resto do Brasil e principalmente em Mato Grosso. Além disso, é claro que o turista vai preferir se embrenhar na mata para aprender com o índio,

em seu habitat natural, do que vê-lo no meio da cidade.

Em Mato Grosso, algumas aldeias começam a se animar para discutir o assunto. Os índios camajurás, que vivem no Parque Nacional do Xingu - município de Feliz Natal (MT) encerram neste mês um projeto-piloto de ecoturismo em aldeia indígena. Durante um ano, eles trabalharam em parceria com o empresário João Vicentini. Durante o mês de novembro, os índios estarão discutindo entre si e também com o empresário - que investiu cerca de R\$ 300 mil na construção de um hotel localizado a cerca de 150 km da aldeia - se o projeto continua ou não.

Já em Tangará da Serra, os parecis participaram na semana passada do I Seminário Estadual de Ecoturismo Indígena. Eles começaram a levantar informações sobre como se faz o ecoturismo nas aldeias. Belezas naturais não faltam em terras parecis, mas os índios querem entender bem o processo de desenvolvimento do ecoturismo para decidir sobre o que é melhor para o seu povo.

O seminário durou dois dias e contou com a presença de especialistas em ecoturismo vindos de Brasília. No primeiro dia, houve palestras e debates. Já no segundo dia, a palavra foi dos índios. Eles tiraram dúvidas e aproveitaram para falar sobre outros assuntos como preservação da cultura, saúde e educação, que também precisam ser discutidos se o projeto de desenvolvimento de ecoturismo for aprovado e implantado na aldeia pareci.

Exploração do ecoturismo em terras indígenas gera polêmica

Proposta partiu da Nação Pareci, mas precisa ser muito bem analisada para que prejuízos sejam evitados e ninguém se arrependa depois

Elaine Perassoli
Da Redação

Ecoturismo em terras indígenas. Viável ou não? Este questionamento está esquentando a cabeça dos índios parecis que vivem na região de Tangará da Serra — localizado há cerca de 200 km de Cuiabá (capital de MT). Com o objetivo de esclarecer dúvidas e dar o pontapé inicial nesta polêmica discussão foi realizado na semana passada o I Seminário de Ecoturismo Indígena. A idéia de desenvolver a atividade surgiu na própria comunidade Pareci. Mas como o assunto é polêmico, os índios — através da Associação One Tyholazere — resolveram sentar e discutir. Eles contaram com a parceria de vários ór-

gãos e entidades ligadas ao assunto.

De acordo com o índio pareci Daniel Cabixi, administrador da Fundação Nacional do Índio (Funai), em Tangará da Serra, apesar do ecoturismo estar sendo praticado em várias partes do país, o assunto ainda é novo e precisa ser discutido com calma. Na opinião de Cabixi, o ecoturismo em terra indígena ainda é muito polêmico porque não há nenhum parâmetro ou regra a ser seguida. "Não há filosofias e nem exemplos de como temos que proceder. Para começar temos que visitar outros projetos e depois promover uma ampla discussão sobre o assunto. Precisamos fazer um projeto-piloto primeiro e após um certo tempo de experiência a gente avalia se é viável ou não", aconselha.

QUEM COORDENA?

Cacique teme que índios não tenham comando do projeto

Da Redação

O cacique geral dos parecis, João Ahezomare, mais conhecido como João Garimpeiro, diz que tem medo da coordenação do projeto de desenvolvimento do Ecoturismo Indígena — da aldeia pareci, na região de Tangará da Serra — não ficar nas mãos dos índios. “Branco não sabe o que precisamos. Eles tiram madeira e terra de índio e depois quando vamos reclamar, eles dizem que fomos nós que autorizamos. Será que não vai acontecer o mesmo com este projeto?”

Esta também é uma preocupação do coordenador assistente do Proecotur, Sílbene de Almeida. “É primordial que a coordenação fique na mão dos índios. Só eles podem saber o que é melhor para o seu povo. Também é preciso tomar cuidado para que as idéias de um grupo não prevaleça sobre os outros ou que a opinião de apenas um ou dois seja respeitada”, destaca. Segundo Sílbene, esta situa-

ção é muito comum quando se trata de comunidades, sejam indígenas ou não. “A tendência é sempre impor a opinião dos líderes e isso não pode acontecer”, completa.

Fábio de Jesus, representante do Ibama, especialista em ecoturismo em área de conservação, acrescenta que o ecoturismo só acontece se a comunidade toda quiser. “Se ela estiver dividida não é possível desenvolver esta atividade”, avisa. Segundo ele, o objetivo do desenvolvimento do ecoturismo é valorizar a cultura e costumes e propiciar meios para o estabelecimento de uma maior relação com os valores.

De acordo com Jesus, o ecoturismo tem crescido muito. Ele relaciona este crescimento às prioridades do turista. “Há uma diferença enorme entre um banho de cachoeira em uma área qualquer e em uma área protegida ou em uma aldeia indígena. Comer biju no restaurante é muito diferente de comê-lo em companhia dos índios”, compara.

CULTURA

Preocupação em preservar os costumes

Da Redação

A discussão sobre o projeto de Desenvolvimento de Ecoturismo em Aldeia Indígena é ampla. Apesar de ter muitas dúvidas, uma grande parte do povo pareci não demonstra resistência em conhecer melhor o assunto 'ecoturismo'. Porém, alguns, preocupados em manter a cultura e os costumes fazem ressalvas e questionam muito. Um deles é o cacique geral João Ahezomare, mais conhecido como João Garimpeiro. Ele pergunta se o ecoturismo pode funcionar em terras indígenas sem destruir a cultura e os costumes do homem de pele vermelha.

A preocupação de João é se o resultado da atividade vai ser boa para o índio. "Nunca tivemos direito de falar e de reivindicar nada. Perdemos nossas terras, e em função da destruição da natureza tivemos que nos readaptar às novas condições de vida. Será que

trazer turistas para a aldeia não irá piorar nossa vida e levar embora nossos costumes?", pergunta.

João Garimpeiro deixa claro que não é contra o desenvolvimento do ecoturismo na aldeia, mas ressalta que está muito preocupado com o que ele pode representar para seu povo. "Podemos estar lidando com uma metalhadora descontrolada. Tanto se fala em preservar, mas esquecem que a natureza somos nós. Não temos mais nada a não ser nossa cultura. Tenho medo de que a visitação fique descontrolada", avisa.

APOIO — A comunidade pareci estabelecida na região de Tangará da Serra discute a possibilidade de desenvolver o ecoturismo indígena há cerca de três anos. De acordo com o presidente da Associação One Tyholazere, Nelsinho Zazamae, neste período já foram feitas várias reuniões e a comunidade já convi-

du várias pessoas, inclusive representantes da prefeitura de Tangará da Serra para visitar a aldeia e as belezas naturais que há na reserva. "Aproveitamos e fizemos uma reunião com o pessoal da prefeitura e solicitamos o melhoramento do acesso à aldeia. Estamos localizados a cerca de 80 km da cidade e há um pedaço da estrada que é ruim", reclama.

Na opinião de Nelsinho, o turista gosta de aventura, mas também precisa do conforto. "Atualmente, levamos cerca de duas horas para fazer cerca de 80 km e isso é ruim", opina. Aproveitou para pedir apoio do prefeito de Tangará da Serra, Jaime Muraro, para arrumar o acesso à aldeia. Muraro garante que está empenhado em melhorar a estrada. "Esse problema precisa ser solucionado logo. É uma necessidade dos índios. Não dá para esperar a implantação do projeto de desenvolvimento de ecoturismo indígena", especifica.



Crianças brincam no riacho sem qualquer roupa. Um costume que os parecis querem manter

Pataxós da Bahia ganharam com exploração organizada

Lugares sagrados não podem ser visitados. Com organização, os Pataxós da Bahia servem como exemplo na exploração do ecoturismo

Elaine Perassoll
Da Redação

Para os índios pataxós, que estão localizado na região de Santa Cruz de Cabrália (BA) e Porto Seguro (BA), o desenvolvimento do ecoturismo foi a única forma encontrada para preservar a cultura e os costumes. "Mas vale ressaltar que nosso caso não pode ser seguido como exemplo porque o nosso povo já estava bastante integrado à sociedade branca e já havíamos - inclusive - perdido praticamente toda a nossa história e nossa cultura", declara a índia pataxó Maria das Neves Conceição, que representou a Aldeia Coroa Vermelha, da Bahia, durante o I Seminário Estadual de Ecoturismo Indígena — realizada na semana passada em Tangará da Serra.

Segundo ela, há cerca de dois anos o seu povo começou a desenvolver a visitação na aldeia que fica próxima a Porto Seguro. "Nossa aldeia se tornou um bairro da cidade", especifica. Enquanto a aldeia fica em Porto Seguro, a reserva dos pataxós fica no município de Santa Cruz de Cabrália (BA). Os turistas visitam a aldeia e também a reserva.

Maria explica que apesar de seu povo estar acostumado com a convivência do branco, o turista precisa respeitar algumas regras para poder fazer os passeios: "Ele não pode invadir lugares sagrados, deve respeitar o meio ambiente e não pode levar nada nem da aldeia e muito menos do meio ambiente."

PARCERIA

Prefeito propõe trabalho com a comunidade

Da Redação

“Uma garrafa jogada no rio Sepotuba, na região de Tangará da Serra (MT), estará no Paraguai em 45 dias e em Buenos Aires em 75 dias após ter caído na água. Isso significa que toda a sujeira que jogamos por aqui pode permanecer no Sepotuba nos próximos 3.450 km emporcalhando tudo”. Esta é a afirmação do prefeito Jaime Muraro. Em função disso, ele sugere que os índios discutam muito a implantação do ecoturismo indígena.

O prefeito lembra que 50% do território do município pertence aos índios. Segundo ele, se a comunidade indígena decidir pela implantação do projeto de ecoturismo indígena, os índios terão que trabalhar em parceria com a comunidade de Tangará da Serra. Na opinião dele, o ecoturismo pode ajudar a preservar a área e manter os rios limpos. “Temos as águas mais límpidas que já vi. Não podemos deixar isso acabar”, apela. Além disso, Muraro enfatiza que a região também é um divisor de águas. “Estamos entre a Bacia do Prata e a Bacia do Amazonas”, frisa.

Camaiurás desenvolvem projeto-piloto

Da Redação

Os índios camaiurás do Parque Nacional do Xingu encerram neste mês o projeto-piloto de visitação nas aldeias indígenas e discutem se há possibilidade do projeto continuar ou não. O empresário João Vicentine, que investiu cerca de R\$ 300 mil em um hotel de selva, espera ansioso a posição dos índios. “Há 10 anos, eles me pedem para fazer uma parceria. Fizemos o projeto,

mas agora precisamos esperar eles decidirem se querem continuar ou não”, diz.

Durante os 12 meses, cerca de 200 turistas estrangeiros e 15 brasileiros visitaram a aldeia. João Vicentine explica que os turistas ficam em seu hotel de selva — por três dias — se preparando para visitar a aldeia. “Eles recebem orientações e também se adaptam à vida na selva. Só depois de conhecerem bem as regras da aldeia é que fazem a visi-

ta. Vale ressaltar que eles não pernoitam na tribo e são recebidos em ocas feitas, especificamente para o turista”, explica. Vicentine diz que turistas não têm acesso as ocas particulares.

O empreendimento de Vicentine está localizado a cerca de 150 km da aldeia. “Os visitantes só chegam de avião”, explica. Se os índios resolverem que a visitação não é viável, Vicentine diz que investirá em outras atividades para não perder o empreendimento.

Projeto recuperou antigas tradições do povo Pataxó

Da Redação

A índia pataxó Maria das Neves Conceição destaca que seu povo estava fadado ao desaparecimento. “Não praticávamos mais nossas danças, nem o artesanato, não falávamos mais a nossa língua-mãe e nem fazíamos mais nossas comidas típicas. Com a implantação do projeto descobrimos que se não resgatássemos a cultura e os costumes não conseguiríamos nem mesmo o desenvolvimento do projeto de ecoturismo em terras indígenas”, enfatiza.

A decisão pelo desenvolvimento do projeto de ecoturismo em terras indígenas aconteceu quando a aldeia de Maria enfrentava um sério problema econômi-

co. O projeto, além de trazer dinheiro para os índios, também despertou o interesse dos índios que estão desenvolvendo uma pesquisa sobre os antepassados pataxós e a cultura.

“Já há, inclusive, livros escritos sobre o assunto. As nossas crianças que já não sabiam quase nada sobre a nossa história estão resgatando os costumes”, enfatiza.

A área dos pataxós é de 1.490 hectares e é dividida em três partes. “A comercial é onde se desenvolve o ecoturismo, a área da agricultura é para o sustento da nossa tribo e a área ambiental, com 827 ha, deve ser totalmente preservada”, comenta. Maria das Neves diz que o projeto está dando certo e que todos apóiam e colaboram.

Paulo Ribeiro